A Culpa do Povo (David Coimbra)

O Brasil é uma porcaria porque o povo brasileiro é uma porcaria. E, antes que alguém proteste, protesto eu, mas não vai aí nenhuma consideração racial, pela límpida razão de que raça não existe. Inclusive, o que há de melhor no Brasil é a miscigenação. Entre o final dos anos 30 e a arrancada dos 40, Stefan Zweig viveu seis meses no Rio e escreveu um livro ingênuo em quase tudo, *Brasil, o País do Futuro*. O livro não só era ingênuo na percepção que Sweig da macia integração de povos diferentes no Brasil, ao contrário do que ocorria na Europa belicosa e racista. O estrangeiro chega aqui e vira brasileiro no mesmo dia. Chamam-no de alemão, se for loiro; de turco, se for de algum país vagamente árabe; de japonês, se tiver os olhos amendoados; e tudo isso significa que ele será igual a qualquer outro para partilhar uma inveja, ou para ser assaltado.

O problema do brasileiro não é este. O problema do brasileiro é moral. Há quem diga que as “elites” brasileiras têm culpa de tudo o que há de ruim no país. Trata-se de um pensamento elitista, que acredita que a “boa elite” constrói um país mais justo. As elites são tão ruins quanto o resto da população que vocifera sob elas. Tome o exemplo da corrupção: um povo que não é corrupto não elege, repetidamente, Congressos corruptos. No exterior, o brasileiro tem a fama de ser ladrão. É o que nós somos. Somos ladrões, egoístas, trapaceiros e vulgares. E somos tudo isso do alto das elites que sobrevoam São Paulo de helicóptero ao solo de quem sobrevive com a Bolsa-Família no Nordeste profundo. O brasileiro, em geral e quando falo em geral é sim, uma generalização, a sua avó pode ser uma exceção, pois o brasileiro em geral é um deficiente moral, seja qual for sua classe social ou sua conta bancária. Nosso Congresso nos representa bem.

O Brasil de hoje não tem jeito, nem tem saída. Certas fronteiras morais foram ultrapassadas, e agora não há mais como voltar. Não é o crescimento econômico que vai ajudar o país como se acredita. Se o governo destinar R$ 20 mil mensais vitalícios a cada brasileiro, o Brasil não vai melhorar. Talvez piore.

A única solução para o Brasil está no título do pueril livro de Stefan Zweig. É pensar no país do futuro. Nas crianças. Os brasileiros, nós todos, devíamos fazer um pacto: tudo o que construiremos, daqui para frente, será para as crianças. Esqueçamos de nós mesmos, nós velhos, nós adultos, e pensemos nas crianças. Só elas, daqui a 30 ou 40 anos, terão chance de viver num país em que as pessoas não tenham medo de serem assaltadas e, depois, atropeladas pelo próprio carro roubado, como ocorreu dias atrás com um homem de 80 anos de idade em Porto alegre. Só elas poderão, talvez, sair de casa sem ter que levar um “kit assalto”, como recomendam especialistas em segurança. Só elas, quem sabe, se orgulharão de seus eleitos, em vez de se envergonharem deles. Só elas terão possibilidades de orar num lugar em que as pessoas se respeitam, e não desconfiam umas das outras.

As crianças.

Só as crianças podem fazer com que , bem depois do nosso desaparecimento, o Brasil seja, de fato, o país do futuro.

(Jornal Zero Hora, 21 de setembro de 2012, p. 2.)

**A fúria da beleza**

**Elisa Lucinda**

Estupidamente bela   
a beleza dessa “maria-sem-vergonha”   
soca meu peito esta manhã!  
Estupendamente funda,   
a beleza, quando é linda demais,   
dá uma imagem feita só de sensações,   
de modo que, apesar de não se ter a consciência desse todo, naquele instante não nos falta nada.  
É um pá, um tapa, um golpe,   
um bote que nos paralisa, organiza,  
dispersa, conecta e completa!  
Estonteantemente linda   
a beleza doeu profundo no peito essa manhã.  
Doeu tanto que eu dei de chorar.  
Por causa de uma flor comum e misteriosa do caminho.   
Uma delicada flor ordinária,   
brotada da trivialidade do mato,   
nascida do varejo da natureza,   
me deu espanto!  
Me tirou a roupa, o rumo, o prumo   
e me pôs a mesa...   
é a porrada da beleza!  
Eu dei de chorar de uma alegria funda,   
quase tristeza.  
Acontece às vezes e não avisa.  
A coisa estarrece e abre-se um portal.   
É uma dobradura do real, uma dimensão dele, uma mágica à queima-roupa  
sem truque nenhum. E é real.  
Doeu a flor em mim tanto e com tanta força que eu dei de soluçar!  
O esplendor do que vi era pancada, era baque e era bonito demais!  
Penso, às vezes, que vivo pra esse momento   
indefinível, sagrado, material, cósmico,   
quase molecular.   
Posto que é mistério,   
descrevê-lo exato perambula ermo dentro da palavra impronunciável.  
Sei que é desta flechada de luz   
que nasce o acontecimento poético.   
Poesia é quando a iluminação zureta,   
bela e furiosa desse espanto   
se transforma em palavra!  
A florzinha distraída,   
existindo singela na rua paralelepípeda esta manhã,  
doeu profundo como se passasse do ponto.  
Como aquele ponto do gozo,  
como aquele ápice do prazer,  
que a gente pensa que vai até morrer!   
Como aquele máximo indivisível,  
que de tão bom é bom de doer,  
aquele momento em que a gente pede pára  
querendo e não podendo mais querer,  
porque mais do que aquilo  
não se agüenta mais...   
sabe como é ?Violenta, às vezes, de tão bela, a beleza é!  
[poesiaviva@meuprovedor.com.br](mailto:poesiaviva@meuprovedor.com.br)

A palavra Presidenta existe e é correta?[[1]](#footnote-1)

Temos notado que a Excelentíssima Presidente Dilma Rousseff vem insistindo no uso da palavra “Presidenta”, inclusive pedindo para ser chamada de “Primeira "Presidenta do Brasil”. Porém, muitos, questionam: A palavra Presidenta existe? Seu uso é correto?

Em primeiro lugar é preciso dizer que a palavra existe, tanto que ela é usada por muitos políticos, pela imprensa e pela população inocentemente desavisada. Em segundo lugar, o seu emprego é desaconselhável do ponto de vista da língua culta e padrão.

Como teremos esse problema pelo menos nos próximos 4 anos – problema de Língua Portuguesa –, consultamos algumas gramáticas, nas quais encontramos algumas explicações seguras.

O certo é que na Língua Portuguesa há os particípios ativos como derivativos verbais. Por exemplo: o particípio ativo do verbo **atacar** é **atacante**, de **pedir** é **pedinte**, de **dançar** é d**ançante**, de **existir** é **existente**, de **mendicar** é **mendicante**, de **constituir** é **constituinte,** de **presidir** é **presidente**, de **ser** é **ente = Presidir + ente.**

Assim, quando queremos designar alguém **(ente)** com capacidade para exercer a ação expressa por um verbo, temos que adicionar à raiz verbal um dos três sufixos: **ante,** **ente** ou **inte,** nunca **enta.**  Por exemplo: a pessoa que **principia** é **principiante,** a que **ouve** é **ouvinte,** a que preside é **PRESIDENTE**, e não "Presidenta", independentemente do gênero masculino ou feminino, tendência política ou neutralidade.

Nesse sentido, é imprescindível e correto dizer **chama ardente** e não “chama ardenta”, **estudante** e não "estudanta", **adolescente** e não "adolescenta", **paciente** e não "pacienta", **ciente** e não “cienta”, **presente** e não “presenta”. Assim sendo, quando um falante ou escrevente da Língua Portuguesa nomear alguém para a ação de presidir, tem que somar à ação do verbo **presidir** o sufixo **ente**: **Presidente** (independente do gênero de que presidir).

Portanto, é mister dizer que falar e escrever "Presidenta” está muito incorreto. Falar e redigir assim, demonstra, em princípio, que o sujeito desconhece as regras da Língua Portuguesa padrão, correndo o risco de sair por aí, a falar, por exemplo, que “A Presidenta se comporta como uma adolescenta impacienta, desejando estar mais eleganta e mais sorridenta, visto que é a representanta do povo e dirigenta maior do país”.

Cruz creda!

A velhinha de Taubaté

L. F. Veríssimo

Não se sabe, exatamente, o seu endereço, mas tudo indica que seja em Taubaté. Outros detalhes – nome, estado civil, CIC – são desconhecidos. Sabe-se que é uma velhinha, que mora em Taubaté e que passa boa parte do seu tempo numa cadeira de balanço, assistindo ao Brasil pela televisão.

A velhinha de Taubaté é o último bastião da credulidade nacional. Ninguém acredita mais em nada nem em ninguém no país, mas a velhinha de Taubaté acredita. Se não fosse pela velhinha de Taubaté, o país já teria caído, não no abismo, mas na gandaia final, sem disfarces. Mantém-se uma fachada de respeitabilidade para benefício da velhinha de Taubaté. Tudo que acontece de aparentemente sério no país é, na verdade, uma grande encenação para a velhinha de Taubaté. O Carlos Átila (assessor de imprensa), quando fala para as câmaras, está falando para a velhinha de Taubaté. Na comunidade de informação existe um código para a velhinha de Taubaté – VT, ou “jibóia”, já que ela engole tudo – e é pensando nela que são preparados os comunicados oficiais para o público externo. O relatório final sobre o caso das bombas no Riocentro (atentado terrorista militar) foi feito exclusivamente para a velhinha de Taubaté e teve êxito, pois ela foi a única do país que acreditou. No baile de Carnaval do Monte Líbano sõ não ficou todo mundo totalmente nu porque havia a possibilidade de a velhinha de Taubaté estar vendo pela televisão. Sempre que a animação ameaçava passar de um certo limite, ouvia-se o cochicho:

- Olha a velhinha. Olha a velhinha.

Os casuísmos do governo para as últimas eleições só não foram mais casuísticos porque dariam na vista até da velhinha de Taubaté. A corrupção só não é maior porque, acima de um determinado volume, poderia alarmar a velhinha de Taubaté. Porque a velhinha de Taubaté pode dar seus cochilos mas está atenta ao noticiário e fiscalizando tudo. Ela ficou muito contente em saber que todos os culpados pelo escândalo da mandioca serão punidos exemplarmente, que ninguém ficou sabendo da máxi antes do tempo para comparar seus dólares, que todos esses escândalos de que andam falando não passam de invenção da imprensa e que o caso de Delfin com o BNH foi totalmente esclarecido. A velhinha de Taubaté não tem a menor dúvida de que a Coca-cola é mesmo, como sustenta a sua publicidade, isso aí.

Há alguns anos existiam milhares de brasileiros que acreditavam como a velhinha de Taubaté. Com o tempo este número foi diminuindo até que em 1981 só havia dezessete. Por coincidência, todas velhinhas. Algumas morreram, outras foram-se desencantando aos poucos. A penúltima velhinha ficou muito traumatizada com o episódio da apuração dos votos no Rio de janeiro e decidiu que, se não podia confiar nem confiar nem na Globo, não confiaria em mais nada. Sobrou a velhinha de Taubaté.

Não dá para imaginar o que acontecerá no país depois que a velhinha de Taubaté se for. Tem-se a impressão de que o Brasil só espera o sinal da morte da velhinha de Taubaté para decretar que a bagunça é esta mesmo, que não tem nada que ficar dando explicação pra otário, e quer saber que mais ? – Maluf em 85. Só a velhinha de Taubaté está pronta para aceitar a versão de que o Baumgarten se suicidou com três tiros e depois se jogou no mar. Só a existência da Velhinha de Taubaté explica o ar circunspecto com que os ministros anunciam novas medidas econômicas, exatamente as que eles tinham desmentido na semana passada. Na verdade eles estão torcendo para não vir. Mas precisam pensar na velhinha de Taubaté.

- Te controla.

- Não posso. Eu vou ter um troço.

- Olha a velhinha. Olha a velhinha!

De vez em quando acontece alguma coisa que faz a velhinha de Taubaté ficar tesa na sua cadeira de balanço e dizer “Epa”. Outro atentado de direita, por exemplo. Mas logo uma autoridade anuncia que haverá um “rigoroso inquérito” e a velhinha de Taubaté descansa. Tudo se esclarecerá. A velhinha de Taubaté pensa que “rigoroso inquérito” quer dizer inquérito rigoroso e não o contrário.

( In A Velhinha de Taubaté. Porto Alegre: L&PM editores, 1983, p. 10.)

As múltiplas faces da palavra

Maria L. A. Aranha

Alguma vez você já perguntou se o animal pensa? Por exemplo, o seu cachorro: você bem percebe que ele sente – medo, afeto, raiva – e que também demonstra inteligência, tanto que aprende um mundo de coisas que você lhe ensina. Mas, embora abane o rabo, ameace com grunhidos e entenda suas ordens, ele não fala!

Diferentemente dos animais, nós falamos: com a ajuda dos adultos, desde cedo recebemos o presente da palavra. Pronunciamos primeiro alguns termos, depois construímos frases e lentamente aprendemos a pensar!

De fato, a palavra é a “roupa do pensamento”: sem ela, o mundo seria um amontoado de sensações inexprimíveis e impulsos incontrolados.

É bem verdade que, ainda pequeno, você imitava os adultos, mas com o tempo foi adquirindo seu estilo próprio de falar e, portanto, de pensar. Por isso é preciso tratar com carinho esta ferramenta fantástica que é a palavra, o “Abre-te, Sésamo” que lhe permite entrar, não na caverna de Ali Babá, mas em uma realidade mais rica: a de tornar-se cada vez mais humano pela palavra!

Então, vejamos: com a palavra, você lembra o passado e planeja o futuro, o que não é pouco! Além disso, pode “falar” consigo mesmo, comunicar-se com os outros, contar um acontecimento, inventar uma história, criar ou resolver enigmas, expressar sentimentos, orar, poetar, comandar, implorar, persuadir, ensinar, prometer. E tantas, tantas outras coisas!

Ah, mas a palavra é uma faca de dois gumes: com ela você também pode mentir, maldizer, doutrinar, caçoar, ofender, trair, difamar.

Depende de você saber como usá-la, porque a palavra é sua!

(In CARRASCO, Walcyr. *A palavra não dita*. São Paulo: Moderna, 2007.)

**ATUALIZAÇÃO DA CARTA DO DESCOBRIMENTO**

Paulo D'Angelo

“Olá, meu amado Rei! Aqui quem fala é o Pero Vaz. Está me ouvindo bem? Peguei emprestado o celular de um nativo aqui da nova terra. Tudo bem, o Capitão Pedro está lhe mandando um abraço. Chegamos na terça, 21 de abril, mas deixei para ligar no domingo, porque a ligação é mais barata. É, aqui tem dessas coisas.

Os nativos ficaram espantados com a nossa chegada por mar. Não achavam que éramos deuses, Majestade. Acharam que éramos loucos de pisar em um mar tão sujo! A ligação está boa?

Pois é, essa terra é engraçada. Tem telefonia celular, digital, automóveis importados, acesso gratuito à internet, mas ainda tem gente que morre de malária e está cheia de criança barriguda de tanto verme. Por incrível que possa parecer, ainda tem Dengue! É meio complicado explicar. Se já encontramos o chefe?

Olha Rei, tá meio complicado. Aqui tem muito cacique para pouco índio. Logo que chegamos a Porto Seguro tinha um cacique que dizia que manda chuva, que mandava prender e soltar quem ele quisesse. É um cacique bravo mesmo.

Mais para o sul encontramos outra tribo, uma aldeia maravilhosa e muito festiva, com lindas nativas, quase nuas. Seguindo em direção ao sul, saímos do litoral e adentramo-nos ao planalto. Lá encontramos uma tribo muito grande. A dos índios Sampa. Conhecemos o seu cacique, que tinha apito, mas que não apitava nada, coitado!  Dizem até que ele daqueles que apanha da mulher.

O Senhor está rindo, Majestade?  Juro que meu relato é verdadeiro. Como Vossa Majestade pode perceber, é uma terra fácil de colonizar, pois os nativos não falam a mesma língua. Sim, são pacíficos sim. É só eles verem um coco no chão pra começarem a chutá-lo e esquecerem da vida. Sabem, sabem ler. Não todos. A maioria lê muito mal e acredita em tudo que é escrito. Vai ser moleza! Fica frio, Majestade!

Parece que há um "Cacicão Geral", mas ele quase não é visto. O homem viaja muito. Dizem que, se a intenção for evitar encontrá-lo, é só ficar sentado no trono dele. Engraçado mesmo é que a "indiaiada" trabalha a troco de banana. Todo mês eles recebem, no mínimo, 380 bananas. Não é piada, Majestade! É sério! Só vindo aqui pra ver.

Olha, preciso desligar. O rapaz que me emprestou o telefone celular precisa fazer uma ligação. Ele é comerciante. Disse que precisa avisar ao povo que chegou um novo carregamento de farinha. Engraçado! Eles ficam tão contentes em trabalhar!  A cada mercadoria que chega, eles sobem o morro  e soltam rojões.

É uma terra muito rica, Majestade. Acho que desta vez acertamos em cheio. Isso aqui ainda vai ser o país do futuro!”

(Paulo D'Angelo é publicitário. Com o texto acima ganhou  
o concurso "Crônica do Ouvinte", promovido pela Rádio Bandeirantes. )

**Comam, minhas roupinhas!**

**Italo Calvino**

Yufá, tonto como era, não lograva obter nenhum convite ou um gesto de acolhida. Certa vez foi até uma fazenda para ver se lhe davam alguma coisa, mas como o viram tão mal-ajambrado, soltaram os cães atrás dele.

Então sua mãe arranjou para ele um lindo casacão, uma calça e um jaleco de veludo. Vestido como um cavaleiro, Yufá retornou à mesma propriedade. Acolheram-no muito bem e o convidaram para comer com eles, e ali cobriram-lhe de elogios.

Quando lhe trouxeram a comida, Yufá com uma das mãos a levava à boca e com a outra a punha nos bolsos, bolsinhos, no chapéu e dizia:

– Comam, comam, minhas roupinhas, pois vocês é que foram convidadas, não eu.

(In **Fábulas Italianas**. Cia. Das Letras, p. 411.)

**Depois se vê**. (Martha Medeiros)

Chuva. Nada mais ancestral. Muita água, pouca água, não importa: choverá. Em vários períodos do ano, mais forte, mais fraco: choverá. Em São Paulo, minas, Rio, Florianópolis. E também na Alemanha, na Nova Zelândia, no Peru. Choveu nos anos 40, chove em 2011, choverá em 2020. Passado, presente e futuro sob uma única nuvem. Só que o país do futuro não pensa no futuro. Somos totalmente refratários à prevenção.

Tudo o que nos acontece de ruim provoca chiadeira, vira escândalo nacional – mas depois. Ficamos estarrecidos, mas depois. O antes é um período de tempo que não existe. Investir dinheiro para evitar o que ainda não aconteceu nos soa como panaquice. Se está tudo bem até as 14h30min dessa quarta-feira, por que acreditar que às 14h31min tudo pode mudar? E então não se investe em hospitais até que alguém morra no corredor, não se policia uma rua até que duas adolescentes sejam estupradas, não se contrata salva-vidas até que meia dúzia morra afogada. Somos os reis em tapar buracos, os bambambãs em varrer para debaixo do tapete, os retardatários de todas as corridas rumo ao desenvolvimento. Não prevemos nada. Adoramos os antropólogos, mas odiamos pesquisa. Consideramos estupidez gastar dinheiro com tragédias que ainda estão em perspectiva. Só o erro consolidado retém nossa atenção.

A gente se entope de açúcar, não usa fio dental e depois vai tratar a cárie, se sentindo privilegiado por poder pagar um dentista. A gente aplaude a arrogância dos filhos de depois vai pagar a fiança na delegacia. A gente fuma três maços por dia e depois processa a indústria tabagista. A gente corre na estrada a 140km/h, ultrapassa em faixa contínua e depois suborna o guarda, na melhor das hipóteses. Ou então morre, ou mata – na pior delas.

A gente vota em corrupto, depois desdenha da política em mesa de bar. A gente joga lixo no cordão da calçada, depois se surpreende em ter a rua alagada. A gente se expõe em todas as redes sociais, depois esbraveja contra os que invadiram nossa privacidade.

Precisamos de transporte público de qualidade, mas só depois de sediar a Copa do Mundo. A sociedade reclama por profissionais mais gabaritados, mas ninguém investe em professores e em universidades. E os donos de estabelecimentos comerciais só irão se dar conta de que estão perdendo dinheiro quando descobrirem os manés que contrataram para atender seus clientes. Treinamento antes, não. Se precisar mesmo, depois.

Precisamos mesmo. Só que antes.

(Texto publicado no ZH em 26 de janeiro de 2011, p. 2.)

**Desligando**  (Nilson Souza, ZH em 04/02/2012)

Tenho uma amiga que se recusa a usar o telefone celular. Ela acredita que pode se manter desconectada pelo tempo em que se desloca de um lugar para outro, sem que isso prejudique sua vida e seus relacionamentos. Considerando-se as facilidades proporcionadas pelo aparelhinho e sua popularidade em nosso meio, parece uma esquisitice. Mas é simplesmente uma opção de vida, posto que muitas pessoas têm dificuldades para entender e para respeitar.

Foi o que concluiu um jovem norte-americano, viciado em Twitter, Facebook, e tudo mais, que resolveu passar 90 dias sem digitar, sem usar o celular e sem recorrer à parafernália eletrônica da era digital. Claro que ele foi ridicularizado por amigos e parentes, mas levou a sua experiência até o fim. E concluiu algumas coisas muito interessantes, entre as quais a de que ficar longe das redes sociais faz bem para a vida amorosa. Também percebeu que as pessoas não entendem quem não usa recursos tecnológicos para se comunicar. Mas recuperou o prazer de andar de bicicleta e de brincar longe da internet.

Curisoso, também, é o fato que deu origem a essa experiência vivida pelo estudante Jake Reilly, de 24 anos. Numa noite, ele estava reunido com seus seis melhores amigos quando, em determinado momento, deu-se conta de que todos estavam conversando consigo mesmos. Ou seja: dois usavam seus notebooks para navegar na internet, dois faziam o mesmo com tablets e outros dois consultavam seus celulares Black Berries. Não é incomum uma situação dessas. A gente convida um amigo para almoçar e ele passa o tempo todo tuitando, ou consultando suas mensagens eletrônicas. A turma se reúne para uma conversa e logo o grupo fica em silêncio, porque cada indivíduo está no umbigo do próprio celular. Até parece cada vez mais evidente que as tecnologias nos aproximam das pessoas distantes e nos afastam das próximas.

Não vou defender aqui que nos transformemos em luditas da era digital. Longe disso. Mas a experiência do jovem norte-americano e a posição inflexível de minha amiga anticelular me levam a pensar que é possível, sim, deixar a tecnologia de lado durante alguns períodos de nossas vidas. Talvez não seja sensato passar três meses sem fazer ligações ou atender ao celular, mas o passeio de bicicleta ou a caminhada desconectada parecem ideias bem saudáveis.

Quem sabe a gente não aproveita para usar os dedos para aprender a tocar um instrumento musical ou mesmo para escrever a mão uma declaração de amor?

Talvez demore mais para chegar ao destino do que um torpedo ou um e-mail, mas o resultado pode ser mais eficaz e a resposta mais agradável.

Desligue-se e tente.

**DUAS ALMAS**

Alceu Wamosy[[2]](#footnote-2)

Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,

Entra, e sob este teto encontrarás carinho:

Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho.

Vives sozinha sempre e nunca foste amada.

A neve anda a branquear lividamente a estrada,

E a minha alcova tem a tepidez de um ninho.

Entra, ao menos até que as curvas do caminho

Se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã quando a luz do sol dourar radiosa

Essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua,

Podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:

Há de ficar comigo uma saudade tua...

Hás de levar contigo uma saudade minha.

**Formiga Boladona** (Adp. Eládio V. Weschenfelder)

Era uma vez uma formiga e uma cigarra. Eram muito amigas.   
Durante todo o outono, a formiga trabalhou sem parar, armazenando  comida para o período de inverno. Não aproveitou nada do sol, da brisa suave do fim da tarde e nem o  bate-papo com os amigos ao final do trabalho, tomando uma cervejinha  gelada. Seu nome era 'Trabalho', e seu sobrenome era 'Sempre'.

Enquanto isso, a cigarra passava o tempo a cantar nas rodas de amigos e nos bares das redondezas. Não desperdiçou nenhum minuto sequer. Cantou e dançou durante todo o outono. Aproveitou o sol. Curtiu as boas oportunidades, sem se preocupar com o inverno que estava por chegar. Passado um tempo, começou a esfriar. O inverno tinha chegado medonho.

A formiga, exausta de tanto trabalhar, entrou para a sua singela e aconchegante toca, repleta de comida. Porém, alguém do lado de fora, chamava por seu nome. Quando abriu a porta, ficou surpresa com o que viu.

Era sua amiga, que vestia um aconchegante casaco de Vison, estacionou, em frente de sua toca, uma flamante Ferrari amarela.

Foi daí que a cigarra disse à formiga:

- Tenho uma boa pra te contar. Vou passar o inverno em Paris.   
- Será que poderias cuidar da minha toca?   
 A formiga respondeu:   
- Claro, sem problemas!

- Tô atucanada!Com que dinheiro conseguiste comprar o carro e á cidade das luzes?   
 A cigarra respondeu:

- Imagine você. Eu estava cantando em um bar, na semana passada, quando um produtor gostou da minha voz. Disse que enfim tinha encontrado um artista de verdade. Fechei um primeiro contrato de seis meses para fazer um show em Paris. A propósito, a amiga deseja alguma coisa de lá?

- Desejo sim. Caso encontrares o tal de La Fontaine (autor da fábula original) por lá, manda ele ir para a  pqp.

**Sentidos da História**

- Aproveite tua vida.

- Saiba moderar trabalho e lazer, pois trabalho em demasia só traz benefício às fábulas de La Fontaine e ao seu patrão.

- Trabalhe, mas curta a tua vida. Ela é única! Caso não encontrares tua metade da laranja,  não desanime, mas procura tua metade do limão, adicionando açúcar, gelo e...

**História de dar medo**

(Adp. Eládio Vilmar Weschenfelder)

  Contam que, em um vilarejo, havia uma bergamoteira que produzia saborosos frutos. O problema é que a árvore estava no cemitério. Por isso ninguém comia seus frutos, quer por preconceito, ou nojo. Mesmo assim, em uma noite fria e escura, dois amigos decidiram lá entrar, sem que ninguém visse ou soubesse coisa nenhuma. Para se encorajarem, diziam um ao outro :

– Não dá nada!

Pularam o muro, subiram a árvore munidos de grandes sacolas. Eufóricos, repetiam uma frase, enquanto colhiam os frutos:

– Um pra mim, outro pra ti. Um pra mim, outro pra ti.

– Nossa! Um deles disse. Você deixou dois frutos enormes caírem para de fora do muro do cemitério!

– Não faz mal. Depois que a gente terminar aqui, pega os dois que caíram pro lado de fora.

– Então tá bom... Um pra mim, outro pra ti.

Um bêbado, passando do lado de fora, escutou esse negócio de 'Um pra mim, outro pra ti' e saiu correndo para a delegacia. Lá chegando lá, ainda ofegante, disse ao policial:

– Seu guarda, vem comigo pra ver! Acho que Deus e Diabo estão no cemitério a dividir as almas dos mortos!

– Conversa de bêbado! Outra vez! Vá prá casa dormir!

– Juro que é verdade! Vem comigo, por favor!

Os dois finalmente foram ao cemitério. Chegando perto do muro, começaram a escutar...

– Um para mim, outro para ti.

O guarda, muito assustado, disse:

– É verdade! É o fim do mundo! Eles estão dividindo as almas dos defuntos! O que será que vem depois?

Enquanto isso, dentro do cemitério, os dois amigos, que já estavam terminando a colheita, diziam:

– Um para mim, outro para ti. Pronto! Acabamos! E agora?  
 – Agora a gente pula o muro e pega os dois que estão no lado de fora...

**História de dois Pacientes**

Dois homens, ambos gravemente doentes, estavam no mesmo quarto do hospital. Um deles podia sentar-se em sua cama apenas por uma hora, todas as tardes. Era preciso fazer assim, para que os fluidos circulassem nos pulmões. Sua cama estava ao lado da única janela do quarto.

O outro homem tinha que ficar sempre deitado de costas. Os dois conversavam horas a fio, falando de suas mulheres e famílias, das casas, dos empregos, onde tinham passado as férias...

Assim, todas as tardes o homem da cama perto da janela sentava, passava o tempo a descrever ao companheiro todas as coisas que ele conseguiu ver do lado de fora da janela, que dava para um parque com um lindo lago. Patos, cisnes chapinhavam na água enquanto as crianças brincavam com os seus barquinhos. Jovens namorados caminhavam de braços dados por entre as flores de todas as cores do arco-íris. Árvores velhas e enormes acariciavam a paisagem e uma tênue vista da cidade podia ser vista no horizonte.

Enquanto o homem da cama perto da janela descrevia isto tudo com extraordinários pormenores, o homem do outro lado do quarto fechava seus olhos e imaginava as cenas que eram descritas pelo amigo.

Um dia, o homem perto da janela descreveu um desfile na rua. Embora o outro homem não conseguisse ouvir e ver a banda passar, conseguia ouvi-la e vê-la na imaginação à medida que o outro senhor a retratava a movimentação da através de palavras.

Dias e semanas se passaram.

Uma manhã, a enfermeira chegou ao quarto trazendo água para os seus banhos, quando encontrou um corpo sem vida do homem perto da janela. Tinha falecido em silêncio enquanto dormia.

Ela ficou profundamente triste e chamou os funcionários para que removessem o corpo. O outro paciente, no tempo certo, perguntou se podia ser colocado na cama perto da janela. A enfermeira disse que sim, fazendo a troca na hora.

Depois de se certificar de que o homem estava bem instalado, a enfermeira deixou o quarto. Lentamente, tomado de dores, o homem ergueu-se com grande esforço e lentamente olhou para o lado de fora da janela que dava, afinal, para uma parede de tijolos.

Mais tarde, o homem perguntou à enfermeira o que teria feito o companheiro para descrever coisas tão maravilhosas vendo apenas uma parede ?

A enfermeira respondeu que o homem era cego e nem sequer conseguia ver a parede.

– Talvez ele quisesse apenas dar-lhe coragem, disse.

**Sentido da História:**

- Há sempre uma felicidade tremenda ao se fazer os outros felizes, apesar dos nossos próprios problemas. As dores, quando compartilhadas, reduzem a tristeza pela metade; a felicidade, quando é solidária, será dobrada.

### Lenda do Minhocão do Espumoso

Eládio Vilmar Weschenfelder[[3]](#footnote-3)

Dizem os mais antigos que a lenda da cobra grande, ou Minhocão do Espumoso, vem dos tempos da colonização do Alto Jacuí, região de produção situada no Planalto Médio gaúcho. Naqueles tempos, as aves e os bichos silvestres circulavam aos millhares pelas florestas cortadas pelas espumosas cachoeiras do rio Jacuí e de seus afluentes, principalmente o Butiá e o Colorado.

O certo é que, depois dos índios e dos caboclos, por lá chegaram os primeiros colonizadores, predominantemente de origem alemã e italiana. Construíram suas casas, igrejas, escolas, silos e sonhos nas proximidades do rio Jacuí, porque lá as terras eram mais férteis e as águas mais piscosas, muito perto onde estão as pequenas cachoeiras que tornam suas águas espumosas. Daí a origem do nome da cidade: Espumoso.

Ainda hoje, os espumosenses, sentados nas varandas de suas casas, admiram o murmúrio das pequenas cachoeiras, a paisagem iluminada pelo sol nascente e a tranqüilidade segura das tardes de chimarrão.

De vilarejo, Espumoso tornou-se uma linda, limpa e luminosa cidade. Muitas histórias lembram o tempo em que milhares de agricultores uniam-se em mutirões para preparar as terras, plantar as sementes e fazer as colheitas. Porém, sem se darem conta do processo civilizatório, derrubaram as árvores até as margens do Jacuí e dos seus afluentes. Lá caçaram quase todos os bichos do mato e pescaram quase todos os peixes dos rios. Foi daí que suas águas turvas e espumantes ficaram tenebrosas, a tal ponto de esconderem mistérios insondáveis em suas entranhas.

Os mais antigos ainda lembram as grandes enchentes de São Miguel, quando o rio, pardo e enfurecido, carregava quase tudo, afogando homens e riquezas. Corajosamente, os espumosenses recomeçavam tudo de novo, reconstruindo silos e casas, ressemeando sonhos e sementes. Ano vai, ano vem, o rio Jacuí, mais que de repente, ficou cheio de veneno e vazio de peixes. Então, cada vez mais misterioso, foi escondendo em suas profundezas a cobra d’água, que já não tinha como comer frutas, minhocas e peixes, porque tudo tinha acabado. A cobra ficou nonada. Foi daí que a cobra d’água começou a comer tudo o que aparecesse ao seu redor: galinha, ovelha, terneiro, porco e gente. Foi daí que ela foi crescendo, crescendo, crescendo... até virar o Minhocão de Espumoso. Às vezes, para provar sua existência, o bicho aparece para se mostrar, não dando para ver direito se é cobra, ariranha, ou assombração.

Dizem que o Minhocão apareceu depois de uma enchente de São Miguel. Outros falam que o bicho veio trazido, quando pequeno, de caminhão, lá do Mato Grosso, sendo deixado no Jacuí para crescer como se fosse uma jibóia. Há ainda aqueles que dizem que o Minhocão é, na verdade, a Mboitatá cega, mas que não queima os olhos de quem a vê. Entretanto, a única certeza que se tem é que o Minhocão tem o prazer de comer os distraídos, ficando depois a brincar, quase sempre, de esconde-esconde, entre uma grande ponte e um velho moinho.

**Lições da Bisavó de Minha Avó**

(Donaldo Schüler, in Chimarrita)

- E se ele anda com as outras?

**- Fecha o olho, minha filha. Com o que não vi, nunca me aborreci. De nada duvida quem de nada sabe.**

- E se ele nunca janta em casa?

**- Faz um curso de arte culinária. Marido se conquista pelo estômago. Guisado por mão de sinhá, quem não comerá?**

- E se ele não me deixa sair de casa?

**- Obedece. Lugar de homem é na rua, lugar de mulher é na cozinha. A formiga, quando quer perder-se, cria asas. Cuida dos teus filhos. A má ovelha deixa o rebanho a perder. Gato e mulher, em casa; homem e cachorro, na rua.**

- E se ele me bate?

**- Agüenta. Porrete de marido é carinho. Deus dá o frio conforme a roupa. Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.**

- Ele, quando está comigo, vive cansado.

**- Dá beijinho nele! Mais vale marido cansado do que homem extraviado. Não esperes afeto de mão beijada. O que muito vale, muito custa.**

- E se ele vai passear e não me leva?

**- Fica! A casamento e batizado não vás sem ser convidado.**

- Mas eu ando tão reclusa, que nem amigos tenho.

**- À mulher casta, Deus lhe basta. A mulher e a galinha, com andar se perde asinha. Cavalo torto não dá carreira direita. Tanto vai o pote à bica, até que um dia lá fica.**

- E se ele me xinga?

**- Cala! Boca de fel, coração de mel. Não te ponhas a retrucar. Em boca fechada, não entra mosca. Se ele vem bonzinho, fica com um pé atrás. Gato de luva, sinal de chuva. Mão fria, coração quente. Quem desdenha quer comprar.**

- Mas eu estou com raiva, vovozinha.

**- Isto passa, minha filha! Fogo de palha, chuva de verão e raiva de mulher tem pouca duração. O tempo tudo consome.**

- Se tu visses como ele é mandão!

**- E tem que ser. Não faças de teu lar casa de pai Gonzalo, onde a galinha manda mais que o galo. Mal vai a casa onde a roca vale mais que a espada. A boi fraco todos pialam; boi lerdo bebe água suja. Quem muito se abaixa, a bunda lhe aparece.**

- Uma amiga me falou que eu devia reagir.

**- Não dês ouvidos. Quem com crianças se deita amanhece mijado. Mais há quem suje a casa do que quem a varra. Dai-lhe dinheiro e não conselhos. Mais vale jeito que força. Quando um não quer, dois não brigam.**

- Eu não agüento mais, vovozinha! Vou-me embora para nunca mais voltar.

**- Agüenta,sim, minha filha. Mau barbeiro arranca couro e cabelo. Não há miséria que não traga fartura. Não há medalha sem reverso.**

- Mas eu sofro tanto!

**- Quem casa por amores sempre vive em dores.**

- Isto foi no teu tempo. Hoje é diferente, vovozinha.

**- Não te iludas, filha! Casco de boi velho, onde assenta, não escorrega.**

Eu disse o que a bisavó Se alguém sabe mais do que eu

Da minha avó me ensinou; Já não está aqui quem falou.

Livre da Alma Gorda

A jornalista mineira Leila Ferreira não é uma pessoa leve. É a mais estressada, ansiosa e perfeccionista pessoa que ela própria já conheceu. Mas isso vem mudando desde que começou a pesquisa para o livro *A Arte de Ser Leve,* lançado pela Editora Globo.

– Tenho 57 anos. Durante 56 vivi com um peso colossal, arrastando bagagens, o que acabou com minha coluna existencial – diverte-se.

Vivia preso às exigências culturais, que determinam que as pessoas precisem ser magras, eternamente jovens, gostarem de cozinha japonesa, entender de vinho e em busca de uma felicidade inalcançável como o Pico do Everest, disponível apenas para poucos. Para entender como havia gente que ria da vida, que se desvencilhava dos pesos e se aproximava de uma felicidade interior, Leila se dedicou a entrevistas que resultaram no livro. E aprendeu muito com os entrevistados.

– Porque o peso da alma afeta profundamente a pessoa que o carrega, ainda que não se perceba. As pessoas que passa arrastando correntes são felizes. Almas gordas, mais do que intoxicar os outros, intoxicam-se – avalia.

E para explicar essa avaliação, Leila lembra em um trecho de seu livro que os antigos egípcios acreditavam que, na longa viagem que os mortos enfrentariam até chegar a seu destino, seriam obrigados a participar de um ritual chamado *a pesagem da alma*. Na cerimônia, presidida pelo deus Osíris, o morto fazia sua defesa e se declarava inocente de vários pecados. Em seguida, passava por uma prova: seu coração, considerado a sede da Inteligência, era colocado numa balança; se pesasse mais do que uma pena de avestruz, o morto estaria condenado a uma série de castigos e poderia até ser devorado por um monstro. Almas leves, em paz com a consciência, tinham a chance de seguir seu caminho e eventualmente chegar ao paraíso.

Comparando com os dias de hoje, Leila acredita que, na pesagem das almas, poucos seguiriam viagem. Independente dos pecados, carregagariam o pesos de cotidianos desgastantes, ambientes de trabalhos competitivos, relações pessoais conflituosas, problemas financeiros.

– Tudo que vai nos deixando com o espírito balofo e a alma cinzenta – analisa.

– Leveza é um estado de espírito em que há menos perfeccionismo, menos expectativa, com capacidade para dar desconto aos obstáculos da vida, inclusive com as perdas, as pequenas e médias angústias e os pequenos e grandes problemas – enumera Leila.

– É importante não dramatizar, dando a cada dor o tamanho que ela merece. Nada de buscar limites, ansiar por *status,* fazer cinco coisas ao mesmo tempo, ser que não é. Leveza é um acalmar. É não ser obrigado a fazer nada, além de ser uma boa pessoa.

( ZH, Donna, em 27 de fevereiro de 2011, p. 17.)

**O que ajuda na leveza?**

1 – Olhar menos para o próprio umbigo e pensar mais nos outros.

2 – Mais cordialidade e menos impaciência.

3- Não abrir mão da civilidade, da compaixão e da elegância de viver.

4- Eliminar o excesso de bagagens materiais.

5- Não utilizar o estresse como desculpa para deixar de lado a gentileza.

6- Cultivar amigos.

7- Diminuir o peso da existência para as pessoas que o cercam.

8- Rir de si mesmo.

9- Dar à dor apenas a dimensão que ela merece.

10- Valorizar o silêncio.

11- Doar tempo e atenção.

**O BOI VELHO** (João Simões Lopes Neto)

Cuê-pucha!… é bicho mau, o homem!

Conte vancê as maldades que nós fazemos e diga se não é mesmo!... Olhe, nunca me esqueço dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer… como unheiro em lombo de matungo de mulher.

Foi na estância dos Lagoões, duma gente Silva, uns Silvas mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes.

A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da família. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma volta forte, como uma meia-lua, onde as areias se amontoavam formando um baixo: o perau era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de propósito:

era quase que pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era m regalo!

Já vê... o banheiro não era longe, podia-se bem ir lá de a pé, mas a família ia sempre de carretão, puxado a bois, uma junta, mui mansos, governados de regeira por uma das senhoras-donas e tocados com uma rama por qualquer das crianças.

Eram dois pais da paciência, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada.

Estavam tão mestres naquele piquete, que, quando a família, de manhãzita, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criançada pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e as crioulas apareciam com as toalhas e por fim as senhoras-donas, quando se gritava pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajoujasse.

Assim correram os anos, sempre nesse mesmo serviço.

Quando entrava o inverno eles eram soltos para o campo, e ganhavam num rincão mui abrigado, que havia por detrás das casas. Às vezes, um que outro dia de sol mais quente, eles apareciam ali por perto, como indagando se havia calor bastante para a gente banhar-se. E mal que os miúdos davam com eles, saíam a correr e a gritar, numa algazarra de festa para os bichos.

— Olha o Dourado! Olha o Cabiúna! Oôch!... oôch!…

E algum daqueles traquinas sempre desencovava uma espiga de milho, um pedaço de abóbora, que os bois tomavam, arreganhando a beiçola lustrosa de baba, e punham-se a mascar, mui pachorrentos, ali à vista da gurizada risonha.

Pois veja vancê... Com o andar do tempo aquelas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se casando e tendo família, e como *quera,* pode-se dizer que houve sempre senhoras-donas e gente miúda para os bois velhos levarem ao banho do arroio, no carretão.

Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra.

Ficou pois solito, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto dele andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. Às vezes esticava a cabeça para o morto e soltava um mugido... Cá pra mim o boi velho — uê! tinha caraca grossa nas aspas! — o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos puxarem o carretão...

— Que vancê pensa!… os animais se entendem... eles trocam língua!...

Quando o Cabiúna se chegava mui perto do outro e farejava o cheiro mim, os urubus abriam-se, num trotão, lambuzados de sangue podre, às vezes meio engasgados, vomitando pedaços de carniça...

Bichos malditos, estes encarvoados!...

Pois, como ficou solito o Cabiúna, tiveram que ver outra junta para o carretão e o boi velho por ali foi ficando. Porém começou a emagrecer... e tal e qual como uma pessoa penarosa, que gosta de estar sozinha, assim o carreteiro ganhou o mato, quem sabe, de penaroso. também...

Um dia de sol quente ele apareceu no terreiro.

Foi um alvoroto da miuçalha.

— Olha o Cabiúna! O Cabiúna! Oôch! Cabiúna! oôch!...

E vieram à porta as senhoras-donas, já casadas e mães de filhos, e que quando eram crianças tantas vezes foram levadas pelo Cabiúna; vieram os moços, já homens, e todos disseram:

— Olha o Cabiúna! Oôch! Oôch!...

Então, um notou a magreza do boi; outro achou que sim; outro disse que ele não agüentava o primeiro minuano de maio; e conversa vai, conversa vem, o primeiro, que era mui golpeado, achou que era melhor matar-se aquele boi, que tinha caraca grossa nas aspas, que não engordava mais e que iria morrer atolado no fundo dalguma sanga e... lá se ia então um prejuízo certo, no couro perdido...

E já gritaram a um peão, que trouxesse o laço; e veio. A mão no mais o sujeito passou uma volta de meia-cara; o boi cabresteou, como um cachorro...

Pertinho estava o carretão, antigão, já meio desconjuntado, com o cabeçalho no ar, descansando sobre o muchacho.

O peão puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veio nela a golfada espumenta do sangue do coração...

Houve um silenciozito em toda aquela gente.

O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho, quem *sabe* se entendeu que aquilo seria um castigo, algum pregaço de picana, mal dado, por não estar ainda arrumado... — pois vancê creia! —: soprando o sangue em borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzis... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca...

E ajoelhou… e caiu… e morreu...

Os cuscos pegaram a lamber o sangue, por cima dos capins… um alçou a perna e verteu em cima... e enquanto o peão chairava a faca para carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma munhata, chegou-se para o boi morto e meteu-lhe a fatia na boca, batia-lhe na aspa e dizia-lhe na sua língua de trapos:

— *Tome, tabiúna! Nó té... Nô fá bila, tabiúna!...*

E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam por ali, calados, os diabos, cá pra mim, com remorsos por aquela judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para a alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijus!…

— Veja vancê, que desgraçados; tão ricos… e por um mixe couro do boi velho!...

— Cuê-pucha!…é mesmo bicho mau, o homem!

(In *Contos Gauchescos*. São Paulo: Martin Claret, 2001, pág. 47-50)

O causo do defunto vivo

(Adap. Eládio Vilmar Weschenfelder)

Em uma cidadezinha, quando morria alguém, costumavam buscar o caixão dos defuntos na cidade vizinha, de caminhão.

Um dia, vinha pela estrada um daqueles caminhões, trazendo um caixão daqueles, quando um homem pediu carona.

O motorista parou e falou a ele:

– Se não te incomoda, suba na carroceria, mas lá tem um caixão de defunto.

O homem, que estava com pressa, não se importou. Subiu no caminhão e seguiu a viagem. De repente, começou a chover. Prá não se molhar, entrou no caixão, fechou a tampa, devagarinho, e logo dormiu por causa dos solavancos.

Mais adiante, outra pessoa pediu carona e também subiu no caminhão. Depois outras e mais outras pessoas. E todos ficavam em silêncio em respeito ao defunto. Mas quando o caminhão passou por cima de buraco muito grande, o defunto-vivo se acordou.

Devagarinho, ele levantou a tampa do caixão. Colocou a mão para fora e falou alto:

– Será que a chuva vai parar?

Foi um corre-corre pros diabos. Ninguém ficou no caminhão. Dizem que tem gente correndo até hoje.

- Eu fora!

Machado de Assis

**O ENFERMEIRO**

Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860, pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a condição única de que não há de divulgar nada antes da minha morte. Não esperará muito, pode ser que oito dias, se não for menos; estou desenganado.

Olhe, eu podia mesmo contar-lhe a minha vida inteira, em que há outras coisas interessantes, mas para isso era preciso tempo, ânimo e papel, e eu só tenho papel; o ânimo é frouxo, e o tempo assemelha-se à lamparina de madrugada. Não tarda o sol do outro dia, um sol dos diabos, impenetrável como a vida. Adeus, meu caro senhor, leia isto e queira-me bem; perdoe-me o que lhe parecer mau, e não maltrate muito a arruda, se lhe não cheira a rosas. Pediu- me um documento humano, ei-lo aqui. Não me peça também o império do Grão-Mogol. nem a fotografia dos Macabeus; peça, porém, os meus sapatos de defunto e não os dou a ninguém mais.

Já sabe que foi em l860. No ano anterior, ali pelo mês de agosto, tendo eu quarenta e dois anos, fiz-me teólogo. - quero dizer, copiava os estudos de teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro de colégio, que assim me dava. delicadamente, casa, cama e mesa. Naquele mês de agosto de 1859, recebeu ele uma carta de um vigário de certa vila do interior, perguntando se conhecia pessoa entendida, discreta e paciente, que quisesse ir servir de enfermeiro ao Coronel Felisberto, mediante um bom ordenado. O padre falou- me, aceitei com ambas as mãos, estava já enfarado de copiar citações latinas e fórmulas eclesiásticas. Vim à corte despedir-me de um irmão, e segui para a vila.

Chegando à vila, tive más notícias do coronel. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remédios. A dois deles quebrou a cara. Respondi que não tinha medo de gente sã, menos ainda de doentes; e depois de entender-me com o vigário, que me confirmou as notícias recebidas, e me recomendou mansidão e caridade, segui para a residência do coronel.

Achei-o na varanda da casa estirado numa cadeira, bufando muito. Não me recebeu mal. Começou por não dizer nada; pôs em mim dois olhos de gato que observa; depois, uma espécie de riso maligno alumino-lhe as feições. que eram duras. Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera, prestava para nada, dormiam muito, eram respondões e andavam ao faro das escravas; dois eram até gatunos!

- Você é gatuno?

- Não, senhor.

Em seguida, perguntou-me pelo nome: disse-lho e ele fez um gesto de espanto. Colombo? Não, senhor: Procópio José Gomes Valongo. Valongo? achou que não era nome de gente, e propôs chamar-me tão-somente Procópio, ao que respondi que estaria pelo que fosse de seu agrado. Conto-lhe esta particularidade, não só porque me parece pintá-lo bem, como porque a minha resposta deu de mim a melhor idéia ao coronel. Ele mesmo o declarou ao vigário, acrescentando que eu era o mais simpático dos enfermeiros que tivera. A verdade é que vivemos uma lua-de-mel de sete dias.

No oitavo dia, entrei na vida dos meus predecessores, uma vida de cão, não dormir, não pensar em mais nada, recolher injúrias, e, às vezes, rir delas, com um ar de resignação e conformidade; reparei que era um modo de lhe fazer corte. Tudo impertinências de moléstia e do temperamento. A moléstia era um rosário delas, padecia de aneurisma, de reumatismo e de três ou quatro afecções menores. Tinha perto de sessenta anos, e desde os cinco toda a gente lhe fazia a vontade. Se fosse só rabugento, vá; mas ele era também mau, deleitava-se com a dor e a humilhação dos outros. No fim de três meses estava farto de o aturar; determinei vir embora; só esperei ocasião.

Não tardou a ocasião. Um dia, como lhe não desse a tempo uma fomentação, pegou da bengala e atirou-me dois ou três golpes. Não era preciso mais; despedi-me imediatamente, e fui aprontar a mala. Ele foi ter comigo, ao quarto, pediu-me que ficasse, que não valia a pena zangar por uma rabugice de velho. Instou tanto que fiquei.

- Estou na dependura, Procópio, dizia-me ele à noite; não posso viver muito tempo. Estou aqui, estou na cova. Você há de ir ao meu enterro, Procópio; não o dispenso por nada. Há de ir, há de rezar ao pé da minha sepultura. Se não for, acrescentou rindo, eu voltarei de noite para lhe puxar as pernas. Você crê em almas de outro mundo. Procópio?

- Qual o quê!

- E por que é que não há de crer, seu burro? redargüiu vivamente, arregalando os olhos.

Eram assim as pazes; imagine a guerra. Coibiu-se das bengaladas; mas as injúrias ficaram as mesmas, se não piores. Eu, com o tempo, fui calejando, e não dava mais por nada; era burro, camelo, pedaço d'asno, idiota, moleirão, era tudo. Nem, ao menos, havia mais gente que recolhesse uma parte desses nomes. Não tinha parentes; tinha um sobrinho que morreu tísico, em fins de maio ou princípios de julho, em Minas. Os amigos iam por lá às vezes aprová-lo, aplaudi-lo, e nada mais; cinco, dez minutos de visita. Restava eu; era eu sozinho para um dicionário inteiro. Mais de uma vez resolvi sair; mas, instado pelo vigário. ia ficando.

Não só as relações foram-se tornando melindrosas, mas eu estava ansioso por tornar à Corte. Aos quarenta e dois anos não é que havia de acostumar-me à reclusão constante, ao pé de um doente bravio, no interior. Para avaliar o meu isolamento, basta saber que eu nem lia os jornais; salvo alguma notícia mais importante que levavam ao coronel, eu nada sabia do resto do mundo. Entendi, portanto, voltar para a Corte, na primeira ocasião, ainda que tivesse de brigar com o vigário. Bom é dizer (visto que faço uma confissão geral) que, nada gastando e tendo guardado integralmente os ordenados, estava ansioso por vir dissipá-los aqui.

Era provável que a ocasião aparecesse. O coronel estava pior, fez testamento, descompondo o tabelião, quase tanto como a mim. O trato era mais duro, os breves lapsos de sossego e brandura faziam-se raros. Já por esse tempo tinha eu perdido a escassa dose de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente; trazia dentro de mim um fermento de ódio e aversão. No princípio de agosto resolvi definitivamente sair; o vigário e o médico, aceitando as razões, pediram- me que ficasse algum tempo mais. Concedi-lhes um mês; no fim de um mês viria embora, qualquer que fosse o estado do doente. O vigário tratou de procurar-me substituto.

Vai ver o que aconteceu. Na noite de vinte e quatro de agosto, o coronel teve um acesso de raiva, atropelou-me, disse-me muito nome cru, ameaçou-me de um tiro, e acabou atirando-me um prato de mingau, que achou frio; o prato foi cair na parede, onde se fez em pedaços.

- Hás de pagá-lo, ladrão! bradou ele.

Resmungou ainda muito tempo. Às onze horas passou pelo sono. Enquanto ele dormia, saquei um livro do bolso, um velho romance de d'Arlincourt, traduzido, que lá achei, e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto, a pequena distância da cama; tinha de acordá-lo à meia-noite para lhe dar o remédio. Ou fosse de cansaço, ou do livro, antes de chegar ao fim da segunda página adormeci também. Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempo de desviar-me; a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada; atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito; mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde; arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto. Não posso mesmo dizer tudo o que passei, durante esse tempo. Era um atordoamento, um delírio vago e estúpido. Parecia-me que as paredes tinham vultos; escutava uma vozes surdas. Os gritos da vítima, antes da luta e durante a luta, continuavam a repercutir dentro de mim, e o ar, para onde quer que me voltasse, aparecia recortado de convulsões. Não creia que esteja fazendo imagens nem estilo; digo-lhe que eu ouvia distintamente umas vozes que me bradavam: assassino! assassino!

Tudo o mais estava calado. O mesmo som do relógio, lento, igual e seco, sublinhava o silêncio e a solidão. Colava a orelha à porta do quarto na esperança de ouvir um gemido, uma palavra, uma injúria, qualquer coisa que significasse a vida, e me restituísse a paz à consciência. Estaria pronto a apanhar das mãos do coronel, dez, vinte, cem vezes. Mas nada, nada; tudo calado. Voltava a andar à toa, na sala, sentava-me, punha as mãos na cabeça; arrependia-me de ter vindo. - "Maldita a hora em que aceitei semelhante coisa!" exclamava. E descompunha o padre de Niterói, o médico, o vigário, os que me arranjaram um lugar, e os que me pediram para ficar mais algum tempo. Agarrava-me à cumplicidade dos outros homens.

Como o silêncio acabasse por aterrar-me, abri uma das janelas, para escutar o som do vento, se ventasse. Não ventava. A noite ia tranqüila, as estrelas fulguravam, com a indiferença de pessoas que tiram o chapéu a um enterro que passa, e continuam a falar de outra coisa. Encostei-me ali por algum tempo, fitando a noite, deixando-me ir a urna recapitulação da vida, a ver se descansava da dor presente. Só então posso dizer que pensei claramente no castigo. Achei-me com um crime às costas e vi a punição certa. Aqui o temor complicou o remorso. Senti que os cabelos me ficavam de pé. Minutos depois, vi três ou quatro vultos de pessoas, no terreiro, espiando, com um ar de emboscada; recuei, os vultos esvaíram-se no ar; era uma alucinação.

Antes do alvorecer curei a contusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei; ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me; cheguei a pensar na fuga; mas era confessar o crime, e, ao contrário, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: "Caim, que fizeste de teu irmão?" Vi no pescoço o sinal das minhas unhas; abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico.

A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalhei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e míope. Não saí da sala mortuária; tinha medo de que descobrissem alguma coisa. Queria ver no rosto dos outros se desconfiavam; mas não ousava fitar ninguém. Tudo me dava impaciências: os passos de ladrão com que entravam na sala, os cochichos, as cerimônias e as rezas do vigário. Vindo a hora, fechei o caixão, com as mãos trêmulas, tão trêmulas que uma pessoa, que reparou nelas, disse a outra com piedade:

- Coitado do Procópio! apesar do que padeceu, está muito sentido.

Pareceu-me ironia; estava ansioso por ver tudo acabado. Saímos à rua. A passagem da meia-escuridão da casa para a claridade da rua deu-me grande abalo; receei que fosse então impossível ocultar o crime. Meti os olhos no chão, e fui andando. Quando tudo acabou, respirei. Estava em paz com os homens. Não o estava com a consciência, e as primeiras noites foram naturalmente de desassossego e aflição. Não é preciso dizer que vim logo para o Rio de Janeiro, nem que vivi aqui aterrado, embora longe do crime; não ria, falava pouco, mal comia, tinha alucinações, pesadelos...

- Deixa lá o outro que morreu, diziam-me. Não é caso para tanta melancolia.

E eu aproveitava a ilusão, fazendo muitos elogios ao morto, chamando-lhe boa criatura, impertinente, é verdade, mas um coração de ouro. E, elogiando, convencia-me também, ao menos por alguns instantes. Outro fenômeno interessante, e que talvez lhe possa aproveitar, é que, não sendo religioso, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel, na igreja do Sacramento. Não fiz convites, não disse nada a ninguém; fui ouvi-la, sozinho, e estive de joelhos todo o tempo, persignando-me a miúdo. Dobrei a espórtula do padre, e distribuí esmolas à porta, tudo por intenção do finado. Não queria embair os homens; a prova é que fui só. Para completar este ponto, acrescentarei que nunca aludia ao coronel, que não dissesse: "Deus lhe fale n'alma!" E contava dele algumas anedotas alegres, rompantes engraçados...

Sete dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, recebi a carta do vigário, que lhe mostrei, dizendo-me que fora achado o testamento do coronel, e que eu era o herdeiro universal. Imagine o meu pasmo. Pareceu-me que lia mal, fui a meu irmão, fui aos amigos; todos leram a mesma coisa. Estava escrito; era eu o herdeiro universal do coronel. Cheguei a supor que fosse uma cilada; mas adverti logo que havia outros meios de capturar-me, se o crime estivesse descoberto. Demais, eu conhecia a probidade do vigário, que não se prestaria a ser instrumento. Reli a carta, cinco, dez, muitas vezes; lá estava a notícia.

- Quanto tinha ele? perguntava-me meu irmão.

- Não sei, mas era rico.

- Realmente, provou que era teu amigo.

- Era... Era...

Assim, por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio; era pior do que fazer-me esbirro alugado. Pensei nisso três dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma coisa. No fim dos três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas. Não era só escrúpulo; era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas.

Preparei-me e segui para a vila. Em caminho, à proporção que me ia aproximando, recordava o triste sucesso; as cercanias da vila tinham um aspecto de tragédia, e a sombra do coronel parecia-me surgir de cada lado. A imaginação ia reproduzindo as palavras, os gestos, toda a noite horrenda do crime...

Crime ou luta? Realmente, foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade. Fixei-me nessa idéia. E balanceava os agravos, punha no ativo as pancadas, as injúrias... Não era culpa do coronel, bem o sabia, era da moléstia, que o tornava assim rabugento e até mau... Mas eu perdoava tudo, tudo... O pior foi a fatalidade daquela noite... Considerei também que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco; ele mesmo o sentia e dizia. Viveria quanto? Duas semanas, ou uma; pode ser até que menos. Já não era vida, era um molambo de vida, se isto mesmo se podia chamar ao padecer contínuo do pobre homem... E quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra coisa. Fixei-me também nessa idéia...

Perto da vila apertou-se-me o coração, e quis recuar; mas dominei- me e fui. Receberam-me com parabéns. O vigário disse-me as disposições do testamento, os legados pios, e de caminho ia louvando a mansidão cristã e o zelo com que eu servira ao coronel, que, apesar de áspero e duro, soube ser grato.

- Sem dúvida, dizia eu olhando para outra parte.

Estava atordoado. Toda a gente me elogiava a dedicação e a paciência. As primeiras necessidades do inventário detiveram-me algum tempo na vila. Constituí advogado; as coisas correram placidamente. Durante esse tempo, falava muita vez do coronel. Vinham contar-me coisas dele, mas sem a moderação do padre; eu defendia-o, apontava algumas virtudes, era austero...

- Qual austero! Já morreu, acabou; mas era o diabo.

E referiam-me casos duros, ações perversas, algumas extraordinárias. Quer que lhe diga? Eu, a princípio, ia ouvindo cheio de curiosidade; depois, entrou-me no coração um singular prazer, que eu, sinceramente buscava expelir. E defendia o coronel, explicava-o, atribuía alguma coisa às rivalidades locais; confessava, sim, que era um pouco violento... Um pouco? Era uma cobra assanhada, interrompia-me o barbeiro; e todos, o coletor, o boticário, o escrivão, todos diziam a mesma coisa; e vinham outras anedotas, vinha toda a vida do defunto. Os velhos lembravam-se das crueldades dele, em menino. E o prazer íntimo, calado, insidioso, crescia dentro de mim, espécie de tênia moral, que por mais que a arrancasse aos pedaços, recompunha-se logo e ia ficando.

As obrigações do inventário distraíram-me; e por outro lado a opinião da vila era tão contrária ao coronel, que a vista dos lugares foi perdendo para mim a feição tenebrosa que a princípio achei neles. Entrando na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos meses, e a idéia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação. Restringi o plano primitivo; distribuí alguma coisa aos pobres, dei à matriz da vila uns paramentos novos, fiz uma esmola à Santa Casa da Misericórdia, etc.: ao todo trinta e dois contos. Mandei também levantar um túmulo ao coronel, todo de mármore, obra de um napolitano, que aqui esteve até 1866, e foi morrer, creio eu, no Paraguai.

Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso às vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias. Todos os médicos a quem contei as moléstias dele, foram acordes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo. Pode ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descrição que então lhes fiz; mas a verdade é que ele devia morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade...

Adeus, meu caro senhor. Se achar que esses apontamentos valem alguma coisa, pague-me também com um túmulo de mármore, ao qual dará por epitáfio esta emenda que faço aqui ao divino sermão da montanha: "Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados."

Fonte: Contos Consagrados - Machado de Assis - Coleção Prestigio - Ediouro - s/d.

**O livro entre a vida e a morte**

Rovílio Costa

Com a TV, o rádio via morrer. Foi crença de muitos. De fato, o rádio se firmou. Mas o caso do livro é diferente. Livro limpo e bonito, só o intocado nos pacotes. Depois, em livrarias, nas compras e vendas, começa a se perder sua beleza, ocupa espaços nobres nas casas, sempre com piores aspectos, porque sua decrepitude avança.

Livro de papel vai desaparecer, porque o livro virtual o está substituindo, com vantagens de menor espaço ocupado e com possibilidade de ser artisticamente locado. Esta é a expectativa de muitos.

O livro é uma conquista humana. Como o homem, no conceito de Aristóteles, o livro é corpo e alma. Como alma, como conceito, foi idealizado, imaginado e realizado antes do papel. O papel é uma forma de a alma do livro se comunicar. E a virtual não será outra forma?

Pierre Furter, em Educação e desenvolvimento cultural, afirma que o homem do futuro não precisará ler, nem saber ler, bastará saber ver. Os analfabetos serão traduzidos em imagens. De que livro se tratará? Será do livro de papel? Ou do atual e ainda incômodo livro virtual?

Mas tudo não vai parar aí. A alma do livro continua à busca de formas corporais para se encarnar.

E o livro transvirtual? Que livro será? Você não sabe? Eu também não sei, mas gostaria de ver e saber.

Criar o hábito da leitura? Há maior falácia que esta? Hábito de ler qual livro? O futurível possível livro transvirtual? Se todos nascemos curiosos e o livro ocasiona desenvolvimento ordenado da curiosidade, será necessário criar o hábito ou dar condições de acesso pedagógico à leitura?

Não será o livro de papel o meio adequado para, segundo Piaget, desenvolver o sensorial e o criativo, ingredientes do racional? Não será o livro de papel onde a criança da cidade vai conhecer a desenhar uma fruta, uma planta, que ela julgava produzidas no mercado?

Obrigar uma criança a ler pode ser obrigá-la a não ser curiosa. O que pode matar o leitor potencial – a curiosidade e a obrigatoriedade?

Eu gostaria que o livro de papel desaparecesse mesmo. Que todos meus livros de papel estivessem em CDs. Imagine! Minha casa ficaria limpa , ordenada e organizada, disse alguém. Não haveria papel, jornais, revistas amontoadas em toda parte. E aquele pozinho que encaminha uma tosse que nunca mais termina?

Alguém outro lamenta:

- Como está demorando a morte do livro de papel? Que oportunidade eu teria para tirar o pé do barro, vendendo minhas preciosidades, pois a mulher não liga, ao contrário, me xinga por causa de minhas tropelias bibliográficas e eu estou mal de vistas?!

Que diabo, às vezes me irrito porque meu computador emperra, meus dedos não acompanham o pensamento! Irritação besta! Trabalhar tanto para pôr minhas idéias no papel!

E a feira do livro[[4]](#footnote-4) de papel está aí (!).

**O Lutador \***

C. Drummond de Andrade \*\*

Lutar com palavras   
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.  
São muitas, eu pouco.  
Algumas, tão fortes  
como o javali.  
Não me julgo louco.  
Se o fosse, teria  
poder de encantá-las.  
Mas lúcido e frio,  
apareço e tento  
apanhar algumas  
para meu sustento   
num dia de vida.  
Deixam-se enlaçar,  
tontas à carícia  
e súbito fogem  
e não há ameaça  
e nem 3 há sevícia  
que as traga de novo  
ao centro da praça.

Insisto, solerte.  
Busco persuadi-las.  
Ser-lhes-ei escravo  
de rara humildade.  
Guardarei sigilo  
de nosso comércio.  
Na voz, nenhum travo  
de zanga ou desgosto.  
Sem me ouvir deslizam,  
perpassam levíssimas  
e viram-me o rosto.  
Lutar com palavras  
parece sem fruto.  
Não têm carne e sangue…  
Entretanto, luto.

Palavra, palavra  
(digo exasperado),  
se me desafias,  
aceito o combate.  
Quisera possuir-te  
neste descampado,   
sem roteiro de unha   
ou marca de dente  
nessa pele clara.   
Preferes o amor  
de uma posse impura  
e que venha o gozo  
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,  
luto todo o tempo,   
sem maior proveito  
que o da caça ao vento.  
Não encontro vestes,  
não seguro formas,  
é fluido inimigo  
que me dobra os músculos  
e ri-se das normas  
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,  
pressinto que a entrega  
se consumará.  
Já vejo palavras  
em coro submisso,  
esta me ofertando  
seu velho calor,  
aquela sua glória  
feita de mistério,  
outra seu desdém,  
outra seu ciúme,  
e um sapiente amor  
me ensina a fruir  
de cada palavra  
a essência captada,  
o sutil queixume.  
Mas ai! é o instante  
de entreabrir os olhos:  
entre beijo e boca,   
tudo se evapora.

O ciclo do dia  
ora se conclui 8  
e o inútil duelo  
jamais se resolve.   
O teu rosto belo,  
ó palavra, esplende  
na curva da noite  
que toda me envolve.   
Tamanha paixão  
e nenhum pecúlio.  
Cerradas as portas,  
a luta prossegue  
nas ruas do sono.

O poder das palavras

Abraão Slavutzky

A palavra deve ser a prioridade para a recuperação de uma sociedade pensante. É preciso recordar como o mundo mudou a partir da bíblia e da Grécia quando as palavras passaram a ser ou sagradas ou objeto de estudo na filosofia. Com elas se faz o fogo que nos aquece e as pontes que nos unem com fios invisíveis. As palavras são estímulos indispensáveis para enfrentar as tristezas do mundo, essenciais no amor e na paz. O poder das palavras salvou a Sherazade , que contando histórias, curou o rei de sua fúria assassina nas *Mil e uma noites*. E não é por acaso que os fanatismos temem a liberdade de expressão.

É preciso aprender também que as palavras podem ser vazias, mentirosas e superficiais. Mas mesmo estas quando reconhecidas, nos ensinam a descobrir seus diferentes sentidos. Existem palavras significantes, as que significam também coisas diferentes, como a palavra confiança. Em quem podemos confiar, a quem dar fiança neste mundo desconfiado, é uma arte que obriga a escutar com três orelhas.

Na peça Hamlet, o príncipe pergunta a seus velhos amigos se sabiam tocar flautas e eles dizem que não. Então ironiza dizendo que como queriam tocar sua alma se nem flautas sabiam tocar. As palavras dos escritores são terapêuticas para eles e para nós leitores, melhor que remédios, pois acalmam. O desafio não é só de quem fala, mas de quem ouve, a palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem a escuta, escreveu Montaigne.

Uma das maiores descobertas feitas sobre o ser humano foi o misterioso inconsciente. Ele escapa à consciência e ao controle. Exemplos são os sonhos noturnos, e a piada! A piada é quase esquecida pela psicanálise, apesar de ser o modelo do funcionamento da realidade psíquica. É nesta que se pode perceber como uma palavra tem o poder de despertar o riso. Rimos porque algo do inconsciente, erótico ou agressivo, vem à tona desencadeado pelo final da piada. Uma palavra engraçada movimenta os músculos da face, uma sedutora produz emoções e uma malvada diminui a auto-estima.

Em Buenos Aires tive um paciente idoso que sabia ferir com comentários críticos. No início, me assustei, mas com o tempo fui aprendendo que as palavras duras também ensinam. Elas cortam e quantos de nós já cortamos o outro com dizeres agressivos? Às vezes, penso que deveria procurar uma a uma as pessoas a quem disse o que não devia para e pedir desculpas. Em compensação, que felicidade sentimos ao descobrir a palavra certa que conforta!

Algumas palavras são fortes como a morte. Por isso, escolher as palavras adequadas é um exercício que envolve conhecimento e responsabilidade. Melhor as palavras leves do que as pesadas, as doces do que as amargas, as ardentes do que as frias. Não se pode tocá-las, mas elas tocam, fazem rir, chorar e aliviam a dor quando podem sair ao encontrar uma orelha amiga. Ao recordar uma frase que conforta, a vida se transforma, o desanimado se anima e a felicidade sorri. Finalmente um brinde às boas palavras. Elas merecem!

(Extraído de ZH, 1/12/2003)

**PAI CONTRA MÃE**

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras

instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um

deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-

flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a

boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da

cabeça por um cadeado. Com o vício de beber. perdiam a tentação de furtar, porque

geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí

ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal

máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma

vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não

cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a

haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com

chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim,

onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com freqüência. Eram muitos, e nem todos

gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos

gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de

casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da

propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se,

entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas

comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que

seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse

aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha

anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico,

se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a

quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", -- ou "receberá uma boa

gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de

preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com

todo o rigor da lei **contra** quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser

instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza

implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou

estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o

acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o

impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, -- em família, Candinho,-- é a pessoa a quem se liga a história de uma

fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um

defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade;

é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo

que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o

bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira

boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de

atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas

estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao

Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de

obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas,

porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para

obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições.

Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não

fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para

cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou

muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dous. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e

cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados

apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes,

olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O

que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos.

Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia

a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe;

algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a

outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o

possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi--

para lembrar o primeiro ofício do namorado, -- tal foi a página inicial daquele livro, que

tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e

foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que

por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo,

nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em

demasia a patuscadas.

--Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto. --Não, defunto

não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se

foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora

viesse agravar a necessidade.

--Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

--Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara. Tia Mônica devia ter-lhes feito a

advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era

amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram

objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e

o riso digeria-se sem esforço.

Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego

certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo

específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia. porém, deu sinal de si a

criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada

ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

--Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura **mãe**.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia

grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que,

além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força

de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era

escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

--Vocês verão a triste vida, suspirava ela. --Mas as outras crianças não nascem também?

perguntou Clara. --Nascem, e acham sempre alguma cousa certa que comer, ainda que

pouco... --Certa como? --Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é

que o **pai** dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero mas

muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

--A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer

jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau... --Bem sei, mas somos três. --

Seremos quatro. --Não é a mesma cousa. -- Que quer então que eu faça, além do que

faço? -- Alguma cousa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do

armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique

zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você

passa semanas sem vintém. -- Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de

sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase

nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia

rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos,

melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a

estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço

de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às

pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido,

gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a

agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas,

via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o

nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso.

Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas

mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas

geralmente ele os vencia sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como

dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o

negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais,

copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor.

Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles

pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura.

Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelo aluguéis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de

coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à

tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de

algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo

fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou

um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe

deram os parentes do homem.

--É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o

equívoco e suas conseqüências. Deixe-se disso, Candinho; procure outra vida, outro

emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra cousa, não pela razão do conselho, mas por

simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior

é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à **mãe**, antes de nascer.

Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja

narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser

mais amargos.

--Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever,

quanto mais ao **pai** ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de

levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver

palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la,

guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho

arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que

era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio. --

Titia não fala por mal, Candinho. --Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem,

seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e

o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de

aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os

filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será

bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não

se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à

míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na

alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal

franqueza e calor,-- crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a

amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz

baixa. A ternura dos dous foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

--Quem é? perguntou o marido. --Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o

inquilino. Este quis que ele entrasse.

--Não é preciso... --Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à

penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais;

se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para

regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o

que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma

inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

--Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava

com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos

anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou

algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou

recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não

alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes

emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de

alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu

emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio.

Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no

desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio

seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara,

sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a

casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que

cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois

nasceu a criança. A alegria do **pai** foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu

em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua

dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria.

Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe

deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o **pai** levá-lo à Roda na noite

seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos . As gratificações pela maior

parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a

cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido.

Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio;

imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista

nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande

esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do

Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um

farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga,

três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar

como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros

fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma

a dieta para a recente **mãe**, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O **pai**, não

obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que

tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de

ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que

vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação

do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem

recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao

filho o resto do leite que ele beberia da **mãe**. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o **pai**

pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é

que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno.

Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo. --Hei

de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele. Mas não sendo a rua infinita ou

sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que

ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na

direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida.

Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade

real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a

poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou,

achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria

buscá-la sem falta.

--Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao

ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia

a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata

fujona. --Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de

corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era

já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que

andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de

costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que

a soltasse pelo amor de Deus.

--Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe

por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me

solte, meu senhor moço! -- Siga! repetiu Cândido Neves. --Me solte! --Não quero

demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava

ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia.

Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com

açoutes,--cousa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele

lhe mandaria dar açoutes.

--Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou

Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele.

Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela

Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a

luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O

que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que

devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas

em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

--Aqui está a fujona, disse Cândido Neves. -- É ela mesma. --Meu senhor! --Anda,

entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os

cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinqüenta mil-

réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia,

levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da **mãe** e os

gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que

horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem

querer conhecer as conseqüências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis

esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro

com a família, e ambos entraram. O **pai** recebeu o filho com a mesma fúria com que

pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor.

Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para

a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida

a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é

verdade, algumas palavras duras **contra** a escrava, por causa do aborto, além da fuga.

Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se

lhe dava do aborto.

--Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

* **Pessoas muito especiais**
* Nilson Souza
* Mora na Austrália um homem abençoado, de 74 anos. Ele se chama James Harrison e possui um tipo de sangue tão raro, que já serviu para salvar a vida de mais de 2 milhões de bebês. O plasma sanguíneo do senhor Harrison é usado na criação de uma vacina capaz de prevenir a doença de Rhesus, que causa incompatibilidade entre o feto e a mãe. Por isso, ele já doou sangue 984 vezes só nos últimos 10 anos, beneficiando milhares de crianças, inclusive o seu próprio neto.
* O senhor Harrison é uma pessoa especial. Mas também o são os anônimos pesquisadores que passaram anos fechados em seus laboratórios para investigar as causas da doença. São igualmente especiais os médicos que detectam a enfermidade no útero das mães, os servidores das casas de saúde que recolhem o sangue, que realizam os exames, que executam os procedimentos necessários à imunização dos bebês.
* Mora na Rússia um gênio da matemática, de 44 anos. Ele se chama Grigory Perelman e possui um cérebro tão prodigioso, que conseguiu resolver um dos sete Problemas do Milênio, a chamada Conjectura de Poincaré – um complexo teorema proposto há mais de um século e que ninguém conseguia solucionar. Segundo as informações sobre o assunto, Perelman tem recusado todos os prêmios que lhe oferecem como reconhecimento ao seu trabalho, preferindo manter-se isolado no seu pequeno apartamento de São Petersburgo, na companhia da mãe, da irmã e, argh, de baratas.
* O senhor Perelman é realmente uma pessoa especial. Assim como o são os humildes professores de matemática das escolas de periferia, alguns dos quais, provavelmente, ensinaram as quatro operações ao recatado cientista. Não deixam de ser especiais todos os estudiosos dos números, das estatísticas, das equações complicadas, que se utilizam dessa linguagem especial para elaborar fórmulas e expressar progressos científicos.
* Moram no Brasil milhões de pessoas muito especiais, que ao seu modo, com os instrumentos de que dispõem, também contribuem para salvar vidas, para educar os jovens e para que a humanidade tenha um futuro melhor. São trabalhadores anônimos que dedicam o melhor de seus esforços simplesmente para levar uma vida digna, sem buscar distinções nem reconhecimento.
* Nem todos nascem com sangue raro ou com cérebro privilegiado. Mas todos nós carregamos na complexidade de nossas almas a possibilidade de sermos úteis a nossos semelhantes e de deixarmos uma marca, por minúscula que seja, na história da humanidade.

ZH, 27 de março de 2010

1. Eládio Vilmar Weschenfelder. [↑](#footnote-ref-1)
2. Poeta gaúcho, nascido em Livramento. Foi assassinado em 1921, aos 21 anos. [↑](#footnote-ref-2)
3. Prof. de Literatura na Universidade de Passo Fundo. [↑](#footnote-ref-3)
4. Foi Patrono da 51ª Feira do Livro de Porto Alegre, edição 2005. [↑](#footnote-ref-4)